

[ARTIGO]

“QUIS TOCAR NO CÉU, TERMINOU NO CHÃO” O IMPACTO DO RACISMO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NEGRA SOB O OLHAR DA MÚSICA ISMÁLIA - EMICIDA

Estela Regina Silva Oliveira¹
Wallace Medeiros Pereira Filho²

RESUMO

O presente trabalho se propõe a investigar o impacto do racismo na construção da subjetividade da pessoa negra. A pesquisa se caracteriza como um trabalho de caráter exploratório, que realiza uma análise de conteúdo da canção “Ismália” do rapper brasileiro Emicida, em diálogo com os conceitos de necropolítica, vidas precárias, imaginário e a performance nas redes sociais, para analisar como o processo de subjetivação é afetado pelo racismo. Os resultados demonstram que o racismo impacta a subjetividade de forma totalizante, afetando tanto o campo do imaginário, quanto a forma como o eu se expressa no contexto social, e como o corpo negro é colocado como alvo de violência. Conclui-se que a obra de Emicida transcende a denúncia, firmando-se como uma complexa teoria sobre a condição do preto, onde ele é obrigado a se constituir em meio a um ataque sistemático à sua mente, sua imagem e seu corpo.

Palavras-chave: Emicida; Subjetividade negra; Racismo; *Rap*.

“WANTED TO TOUCH THE SKY, ENDED UP ON THE GROUND”: THE IMPACT OF RACISM ON THE CONSTRUCTION OF BLACK SUBJECTIVITY THROUGH THE LENS OF ISMÁLIA - EMICIDA

¹ Estela Regina Silva Oliveira: Graduada em Psicologia pela Universidade Católica do Rio Grande do Norte (UniCatólica). Pós-graduanda em Psicologia, gênero e sexualidade pela PUCPR. Mossoró, RN, Brasil. E-mail: estelaregina616@gmail.com.

² Wallace Medeiros Pereira Filho: Graduado em Psicologia pela Universidade Católica do Rio Grande do Norte (UniCatólica). Pós-graduando em Terapia Cognitivo Comportamental pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Mossoró, RN, Brasil. E-mail: wallacefilho007@hotmail.com.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the impact of racism on the construction of the subjectivity of Black people. The research is characterized as exploratory work, conducting a content analysis of the song "Ismália" by the Brazilian rapper Emicida, in dialogue with the concepts of necropolitics, precarious lives, imagination, and performance on social media, to analyze how the process of subjectivation is affected by racism. The results show that racism impacts subjectivity in an all-encompassing manner, affecting both the realm of imagination and the way the self expresses itself in the social context, as well as how the Black body is targeted for violence. It is concluded that Emicida's work goes beyond denunciation, establishing itself as a complex theory on the condition of Black people, where they are forced to constitute themselves amid a systematic attack on their mind, image, and body.

Keywords: Emicida; Black subjectivity; Racism; Rap.

INTRODUÇÃO

Em uma era supostamente obcecada pela busca do "eu autêntico", a ideia de que a subjetividade é um projeto primariamente individual nos parece se tornar dominante. Contudo, como aponta Paula Sibilia em "O Show do Eu" (2016), a construção de si é um processo fundamentalmente relacional, moldado pela interação com o outro e com o mundo. Essa ideia infere que se o meio nos constitui, a jornada de subjetivação não é a mesma para todos.

Para pessoas negras, essa jornada é brutalmente atravessada pela violência do racismo (Kilomba, 2019). A estrutura social não apenas influencia, mas impõe limites concretos sobre quem se pode ser e, de forma ainda mais profunda, sobre o que se pode desejar. É principalmente relacionada a essa questão e nesse contexto que a canção "Ismália", do rapper brasileiro Emicida (2019), revela sua potência analítica.

Nesse sentido, o presente artigo se trata de um trabalho de caráter exploratório que realiza a análise de um discurso, no qual defende a tese de que a canção "Ismália" opera como uma crítica contundente a respeito da ideia de uma suposta liberdade individual, e de como o racismo funciona para limitar as possibilidades não só materiais, mas também psicológica e imaginativas da pessoa preta, utilizando de ideias como a de Edgar Morin, que expõe a importância do imaginário na construção do ser.

O objetivo do trabalho é analisar a letra da canção de Emicida, para que através de elementos expostos por ela, realizar uma articulação com referenciais teóricos como o conceito de imaginário de Edgar Morin, a performance nas redes sociais de Paula Sibilia, a noção de vidas precárias de Judith Butler e a necropolítica de Achille Mbembe, explorando as interseções entre subjetividade, racismo e cultura.

REFERENCIAL TEÓRICO

Rap, Emicida, Ismália

De acordo com Malgarezi e Filisbino (2024), o *Rap* (do Inglês *'rhythm and poetry'* ou *'ritmo e poesia'*) é um estilo musical que está relacionado a um movimento estético e político. O ritmo musical surgiu na década de 1970, nos Estados Unidos, e logo foi apropriado por jovens negros excluídos na periferia por todo o mundo. Como explica Guimarães (2007), o *Rap* expõe narrativas e histórias das comunidades marginalizadas, destacando as violências, o racismo e a desigualdade social.

O Guimarães (2007) explica que no Brasil o rap se adapta à realidade brasileira, incorporando outros gêneros musicais e manifestações culturais, como o samba, baião, *scratching*, além de referências da cultura negra nacional em suas letras.

“O rap se apropria até mesmo de conteúdo não musicais, como reportagens de jornais na TV, sirenes da polícia, fragmentos de discursos, em especial de ativistas dos direitos civis, como Malcolm X e Martin Luther King.” (Guimarães, 2007, p. 176)

É um gênero muito popular, mas também é um dos mais criticados e perseguidos, pois, além de resgatar as raízes culturais negras, denuncia a violência, as relações de poder e o racismo que os cercam há anos.

O *Rap* ganhou força no país quando passou por profundas transformações que culminaram em uma sociedade marcada pela dominação de conjunto de valores, ideias e práticas de cunho neoliberal. Oliveira (2011) esclarece que esse contexto social trouxe fenômenos contemporâneos que impactaram determinadas comunidades.

Conforme Oliveira, Lopes e Sathler (2020) a partir de 2010 surge uma nova geração no estilo musical, conhecido como rap contemporâneo. Apesar da grande diversidade, é possível observar atualmente outras formas de expressão, como o Rap acústico e o Trap. O *Rap* contemporâneo se configura como um espaço seguro, um local de pertencimento, onde é possível sentir orgulho das próprias raízes e valorizar a própria identidade, questões fundamentais para o processo de autoafirmação. Nessa nova onda contemporânea acolhe também uma diversidade de artistas femininas e negras, que trazem os debates sobre a luta feminista e o feminismo negro para suas composições. O rap tem a capacidade de dar visibilidade às pessoas que foram silenciadas, conseqüentemente, contribuindo para o empoderamento e a autoestima.

Uma reportagem publicada pelo jornal Nova Brasil³, em 2022, destaca a relevância do cantor Emicida no cenário musical brasileiro, reconhecendo-o

³ Emicida e sua influência no rap nacional. Jornal Nova Brasil, São Paulo, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://novabrasilfm.com.br/notas-musicais/emicida-e-sua-influencia-no-rap-nacional>
Acesso em: 27 fev. 2026

como uma das principais vozes do *Rap* nacional e como uma referência potente que valoriza a cultura negra em suas músicas e seus livros. Em outubro de 2019, o cantor lançou o álbum *AmarElo*. A oitava faixa, intitulada de *Ismália*, conta com a participação especial de Fernanda Montenegro e Larissa Luz, tendo como principal inspiração o poema, que leva o mesmo nome, do autor Alphonsus de Guimarães.

Ismália é um poema, que aborda o processo de adoecimento psíquico de uma jovem branca, aparentemente motivado por uma desilusão amorosa. Malgarezi e Filisbino (2024) argumentam que na obra do Cantor Emicida, a canção apresenta o processo de adoecimento que pode ser compreendido como consequência do racismo estrutural. O Emicida insere o poema em sua canção, intercalando com algumas alterações das estrofes e mantendo outras. O trabalho do rapper além de resgatar uma história literária, também relaciona questões atuais, mostrando a persistência das injustiças raciais ao decorrer do tempo.

Ismália provoca uma reflexão de luta coletiva para enfrentar as desigualdades que ainda persistem no Brasil., expressando o sofrimento da população negra em decorrência do racismo e o impacto na construção da sua identidade. Silva e Vieira (2018) apontam que o reconhecimento de si é um caminho fundamental para a consolidação da identidade. Essa construção ocorre pela interação entre o “eu” e o mundo, ou seja, por meio das relações sociais e culturais. Entretanto, quando o sujeito está inserido em uma sociedade historicamente marcada pelo racismo, desigualdade e estruturas de dominação, seu processo identitário torna-se mais conflituoso, sendo atravessado por preconceitos e exclusão.

Dimensões da subjetividade

Há diversos caminhos que podem se seguir para analisar como o racismo impacta na construção da subjetividade da pessoa negra, dado a diversidade de áreas que atravessam e a influenciam, como demonstrado no capítulo introdutório. Porém, é importante se ressaltar que o racismo também se manifesta de diversas formas diferentes e a sua construção dentro do social não ocorre devido a um simples fator.

Portanto, o presente trabalho, se propõe a analisar o processo de construção da subjetividade relacionando duas esferas que constituem o sujeito contemporâneo, que seriam o campo do imaginário e o da imagem social, enquanto esfera de performance e de reconhecimento.

A intersecção dessas áreas é fundamental para uma análise do subjetivo, sendo possível se perceber através delas, como o racismo opera e impacta nessa formação subjetiva individual. As subseções a seguir irão explorar a fundamentação teórica de cada uma dessas dimensões, preparando o terreno para a posterior análise da canção “*Ismália*”.

Imaginário

A primeira dimensão a ser analisada é a do imaginário, Morin (1956/2014) argumenta que o imaginário é parte constitutiva da realidade humana, sendo parte fundamental da construção da subjetividade individual. O autor defende a ideia de que a realidade que temos certeza é a representação da imagem, ou seja, a forma como percebemos os elementos aos quais estamos expostos, e que isso irá constituir a realidade do ser que está diante dessa imagem. Porém, a interpretação dessa imagem tem influência direta do imaginário, e na forma como se dá esse processo de percepção da imagem.

“Num certo sentido, tudo gira em torno da imagem, porque a imagem não é apenas o entroncamento entre o real e o imaginário, é o ato constitutivo radical e simultâneo do real e o imaginário.” (Morin, 1956/2014. p. 14).

Portanto, o imagético tem um papel fundamental na forma como o ser interpreta o mundo, onde se há uma ruptura ou cerceamento desse campo, se impõe ao ser uma mudança drástica na sua percepção de realidade. Mas a construção desse processo imaginário, se dá através da relação do eu com o mundo, portanto, podemos dizer que a presença dos negros num ambiente racista, impacta diretamente nesse processo de imaginário.

Se o imaginário é moldado pela relação com o mundo, às normas sociais ditam quais imagens são valorizadas. Butler (2009/2015), apresenta o conceito de vidas precárias, onde a autora expõe a ideia de que certas vidas valem menos do que outras, e o critério para a valoração das vidas, é influenciado por normas, valores e imagens transmitidas culturalmente, portanto, certas vidas são mais suscetíveis a serem exploradas e mortas do que outras, fazendo com que esse processo não cause tanta comoção e repercussão.

Portanto, partindo do fato de que certas vidas valem mais do que outras e são passíveis de serem mortas sem tanta repercussão. Mbembe (2016) apresenta o conceito de Necropolítica, no qual o autor explica como quem está em posição de poder se utiliza da violência e da morte para dominar determinadas populações e favorecer determinados grupos em detrimento de outros, portanto, o corpo passa a ser um elemento a ser explorado para se afetar o social e o cultural.

A convergência entre a necropolítica e a precariedade da vida auxilia na compreensão do processo de dominação da cultura branca sobre a negra. Esse domínio resultou em uma idealização negativa da negritude dentro da própria comunidade negra. Como explica bell hooks (2019), o sujeito negro, inserido em um sistema que o inferioriza, pode passar a observar a si mesmo e aos seus costumes de forma depreciativa, alimentando o desejo de afastar-se de suas raízes.

Os conceitos tanto de necropolítica, quanto de vidas precárias, auxiliam na compreensão de como ocorreu o processo de dominação da cultura branca em relação à negra. Esse domínio resultou em uma idealização negativa da negritude dentro da própria comunidade negra. Como explica bell hooks (2019), o sujeito negro, inserido em um sistema que o inferioriza, pode passar a observar a si mesmo e aos seus costumes de forma depreciativa, alimentando o desejo de afastar-se de suas raízes.

Em suma, o fato de o indivíduo negro estar inserido em uma sociedade racista, resulta em que ele seja vítima não apenas de uma violência física, mas também de uma violência simbólica que atinge o cerne da construção do seu imaginário, alterando profundamente a forma como ele se percebe e como enxerga o mundo.

Imagem social

A segunda dimensão fundamental da imagem é a da imagem social, que se tornou um campo altamente influenciado pela ascensão das redes sociais. Porém, é importante ressaltar que a construção da imagem é um processo complexo e que pode ser influenciado de diversas formas.

Segundo Butler (2009/2015), o poder opera selecionando quais narrativas devem ser colocadas em evidência, moldando a percepção pública para que certas visões sejam aceitas como verdades absolutas. Esse controle é exercido pela forma como os eventos e as notícias são divulgados, como se observou, por exemplo, na cobertura mediática da Invasão do Iraque em 2003. Ao analisar fotografias de guerra, a autora destaca que:

“O ângulo da câmera, o enquadramento, a pose dos sujeitos, tudo sugeria que aqueles que tiraram as fotografias estavam ativamente envolvidos na perspectiva da guerra, elaborando essa perspectiva, fabricando, direcionando e validando um ponto de vista” (Butler, p. 102, 2009/2015)

Desse modo, através do processo de enquadramento, percebe-se o quanto que a imagem do negro também é influenciada pelo racismo sistemático em que ele está envolvido, onde a forma como é divulgada a sua imagem acaba afetando na forma como ele é visto.

Conforme Sibilía (2016), vivemos o fenômeno do “show do eu”, que consiste na espetacularização da vida comum, onde a intimidade é deslocada para o espaço público em busca de validação. Sendo assim, a experiência individual é fortemente influenciada pela interação com o outro e com o mundo, influenciando diretamente na forma como a interação ocorre.

A forma como os sujeitos se expõe é moldada, em grande medida, por fatores culturais e sociais, nesse sentido determinados aspectos a serem

divulgados são mais valorizados do que outros. Sibilía (2016) explica que o sucesso individual, através de conquistas, consumo e bem-estar, é mais bem visto dentro de redes sociais, do que as vulnerabilidades e os fracassos individuais. Esse processo, impõe características performáticas ao eu, onde o que se deseja expor, não necessariamente é a realidade, mas o que se deseja ser.

E é através dessa lógica de performance, e da contradição entre o eu real e o eu virtual, que se centrará a crítica exposta por Emicida a respeito de como o racismo sistêmico impõe um limite para esse "Show do eu".

METODOLOGIA

Ao analisar a fundamentação teórica proposta pelo tema deste estudo, observa-se que a pesquisa assume um caráter exploratório. Conforme Gil (2002), esse tipo de pesquisa busca proporcionar uma aproximação com o tema, com o propósito de torná-lo mais compreensível ao leitor ou a constituir hipóteses. O autor aponta que o foco principal para a construção dessa fundamentação é o aperfeiçoamento de ideias ou a investigação de novos conhecimentos.

Outro ponto importante para a elaboração deste estudo é o delineamento, que é um procedimento utilizado para a coleta de dados. Neste caso, a opção que se enquadra neste trabalho é a análise de conteúdo. O objetivo da análise de conteúdo é investigar "os dados provenientes das comunicações, buscando compreender os significados e os sentidos das mensagens, que vão além de uma leitura comum" (Cardoso, Oliveira e Ghelli, 2021, p. 99). Outra explicação do autor Gomes (2007) é que o uso da análise de conteúdo é bastante variado, com o objetivo de analisar obras romancistas, análise de depoimento, análise de livros didáticos e outras opções. Em suma, o método de pesquisa visa obter a análise das comunicações, por meio da descrição do conteúdo das mensagens.

As publicações periódicas e fontes de informações deste presente estudo foram coletadas de forma virtual, por meio de plataformas verificadas e de buscas de dados científicos, como Google Acadêmico, Scielo, Livros e revistas acadêmicas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo estabelecido o referencial teórico que guiará este estudo, esta seção se aprofunda na análise da letra da canção "Ismália". O objetivo é demonstrar, na prática, como a poética de Emicida expõe as diferentes facetas da violência racista e seu impacto na construção do "eu". A análise seguirá a estrutura das duas dimensões apresentadas - Mente/Imaginário e a imagem social -, analisando como os versos específicos materializam a tese deste trabalho.

"Com a fé de quem olha do banco a cena
Do gol que nós mais precisava na trave
A felicidade do branco é plena
A pé, trilha em brasa e barranco, que pena

Se até pra sonhar tem entrave
A felicidade do branco é plena
A felicidade do preto é quase” (Emicida, 2019)

A canção se inicia com esse trecho, onde relata a percepção da pessoa preta em relação às vivências de sua realidade, como a frase de “quem olha do banco a cena”, que retrata a sensação de se estar de fora, excluído em relação ao que se acontece no mundo, fazendo uma analogia aos reservas do futebol, que apenas assistem a uma partida sendo realizada.

O “olhar do banco” citado no trecho, coloca os negros numa posição de observador e não de quem de fato poderia alcançar uma felicidade. Seguindo a sensação de exclusão, a sentença “a felicidade do branco é plena, a felicidade do preto é quase”, coloca o negro numa posição onde a felicidade é algo inalcançável, enquanto a do branco é plenamente plausível.

O trecho “se até pra sonhar tem entrave” revela que o racismo afeta a vida da pessoa negra de maneira palpável; no entanto, o impacto não se resume ao material, atingindo também o imaginário. Isso ocorre porque o sonho não tem como característica principal a presença na realidade, mas sim o âmbito introspectivo de cada indivíduo.

Utilizando-se da ideia de Morin (1956/2014), compreende-se que o imaginário constitui a realidade humana e a subjetividade. Para o autor, a realidade tida como certa é uma representação imagética, indicando que a forma como percebemos os elementos externos é o que fundamenta a realidade do ser diante do objeto. Porém, a interpretação dessa imagem, tem influência direta do imaginário, e na forma como se dá esse processo de percepção da imagem.

Portanto, quando Emicida afirma que “até pra sonhar tem entrave”, ele aponta um componente do racismo que transcende o plano material e impacta o imaginário da pessoa negra. De acordo com a tese de Morin, isso coloca em discussão o quanto a própria realidade do sujeito é moldada pelo racismo, demonstrando que o fenômeno não atua apenas de forma palpável, mas interfere na percepção e na representação do que é real para esse indivíduo.

A questão imagética continua se fazendo presente na letra da canção, onde agora o cantor cita elementos mitos como Ícaro e introduz Ismália, que é um personagem de um poema de Alphonsus de Guimarães.

“Olhei no espelho, Ícaro me encarou
Cuidado, não voa tão perto do Sol
Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei
O abutre quer te ver de algema pra dizer: Ó, num falei?!
No fim das conta é tudo Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão.” (Emicida, 2019)

O trecho se inicia com o verso “olhei no espelho, Ícaro me encarou”. O personagem em questão remete à mitologia grega, na qual Ícaro possuía asas de cera e lhe era indicado que nem voasse tão baixo para que a umidade não as pesasse, mas também nem alto demais, para que o calor não as derretesse. Assim, ao identificar-se com Ícaro, o eu-lírico se vê como alguém com suas possibilidades limitadas.

Em seguida, há a citação a Ismália, que é personagem do poema de Alphonsus de Guimaraens (2004, p. 331-332), onde ela se encontra em uma torre em frente ao mar, onde via uma lua no céu e uma lua no mar, porém, ao ir ao encontro da lua do céu, acabou se afogando na lua do mar, que era apenas o reflexo. A realidade de Ismália acaba se relacionando ao contexto da música como estar almejando o ideal, de vencer o racismo, mas se deparar com a triste realidade de que o racismo se faz presente, e é implacável.

Diante desse cenário, Emicida utiliza tanto de Ismália, quanto de Ícaro, para representar o impacto que o racismo causa sob os pretos, indicando que eles possam se identificar com esses personagens. Retornando ao conceito de imaginário de Morin (2016), esse movimento de cerceamento do próprio imaginário, resulta numa limitação das possibilidades do ser do preto, que não é apenas uma limitação poética, mas que é uma violência psíquica que ataca a própria constituição da subjetividade, onde o sujeito é livre, mas até um determinado ponto, pois a partir do momento em que se ouse ultrapassar esse ponto, ele está invadindo um território que não o pertence.

A autora bell hooks, em seu livro Olhares Negros (2019), apresenta a ideia de que o histórico social construído através de sistemas de dominação – como o colonialismo, imperialismo e o racismo –, construiu o pensamento de que a cultura negra seria inferior a branca. Esse pensamento reverbera na comunidade negra, disseminando percepções depreciativas acerca da própria negritude e levando, por vezes, os sujeitos negros a se perceberem de modo negativo.

Sendo assim, esse pensamento é apresentado na música no trecho em que é citado “(...)ela quis ser chamada de morena/ que isso camufla o abismo entre si e a humanidade plena(...)” (Emicida, 2019), no qual através do branqueamento retratado pelo termo morena, reforça a ideia de afastamento da sua própria cultura e seus costumes.

“E como analgésico nós posta que/
Um dia vai tá nos conforme
Que um diploma é uma alforria
Minha cor não é um uniforme
Hashtags PretoNoTopo, bravo!
80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo
Quem disparou usava farda (mais uma vez)
Quem te acusou, nem lá num tava (banda de espírito de porco)

Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada
Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada”.
(Emicida, 2019)

Nesse trecho, Emicida critica movimentos digitais que buscam combater o racismo celebrando indivíduos negros que alcançaram o sucesso sob métricas convencionais. O artista questiona essa visão ao afirmar que sua “cor não é um uniforme” e ao analisar o uso de hashtags como “#PretosNoTopo”, sugerindo que a superação do racismo não deve ser medida apenas pela aquisição de diplomas ou pela ascensão a espaços de prestígio definidos pela lógica social vigente.

A utilização do termo “analgésico” transmite a ideia de que, para mitigar a dor do racismo sistemático e para se provar que conseguiu superá-lo, os negros postam em redes sociais seus sucessos através de diplomas, cargos de emprego e a “#PretoNoTopo”, simbolizando que os pretos conseguem vencer socialmente. Essa prática dialoga com o conceito de “eu performático” de Sibília (2016), onde segundo a autora, as redes sociais são utilizadas para projetar uma subjetividade idealizada, portanto essa exposição dentro das redes sociais nesse contexto, tem como objetivo um desejo de reconhecimento, embora nem sempre reflita a complexidade da realidade vivenciada.

Porém, diante do “bravo!”, se percebe o teor irônico e crítico de Emicida a respeito dessa ideia, acentuado pelos “80 tiros te mostram que existe pele alva e pele alvo”, evidenciando que a suposta vitória contra o racismo muitas vezes se restringe apenas ao ambiente virtual.

De acordo com Butler (2009/2015), se nota a hierarquização de valores de vidas enquanto alguns corpos são protegidos pelo estado, outros são marcados pela precariedade e vulnerabilidade extrema. Na realidade material o corpo negro permanece como alvo principal das violências cotidianas, sendo visto como uma vida “menos legítima” ou “menos digna de proteção”.

Essa desilusão, onde pequenos ganhos se choca com a realidade da violência, que ecoa em um padrão histórico de esperança e frustração, como apresentado por Frantz Fanon (2008), em *Pele negras, máscaras brancas*, no qual é relatado o registro de que ao decorrer da história foram realizadas pesquisas para comprovar que o negro não era um ser humano como o branco, em busca de uma superioridade biológica do branco, para justificar a opressão e a exploração, entretanto, não foi possível se provar isso, e com a comprovação, se criava a ideia de que finalmente os pretos e os brancos seriam olhados em situação de semelhantes, porém como relatado pelo próprio, “teve de perder as ilusões”.

A semelhança entre as duas situações se dá através do discurso que é realizado socialmente de que ao se obter determinados ganhos sociais, e

conseguir estar em patamares semelhantes é possível se superar o racismo, porém como relatado por Fanon (2008), essa ideia acaba sendo apenas uma ilusão, e o caso dos “80 tiros” relatados por Emicida, acaba sendo uma prova que te leva ao mundo real, onde o racismo não se esvai apenas por conquista de títulos.

Os 80 tiros relatados por Emicida, se refere ao caso em que o músico Evaldo dos Santos foi morto após ser alvejado por 80 tiros de fuzil (G1 Rio, 2019). Esse caso relatado na música se relaciona com Butler (2009/2015) de que a sociedade opera sob enquadramentos que definem quais vidas são passíveis de luto, nesse sentido, o corpo negro é lido como uma vida cuja perda não gera a mesma comoção social que a de corpos brancos.

Essa desvalorização fundamenta um fenômeno chamado por Mbembe (2016) de necropolítica, em que o Estado exerce o poder soberano de decidir quem deve viver e quem pode morrer. No entanto, a eficácia desse controle não se encerra na morte, mas que a violência atua como um mecanismo pedagógico de terror.

Ao atingir Evaldo, o trauma se perpetua no imaginário coletivo da população negra, reforçando a consciência de que qualquer corpo negro é um alvo potencial. Transformando a morte física também em um entrave psíquico, onde pelo medo de que o que aconteceu com Evaldo também pode acontecer com ele, afeta diretamente assim nas possibilidades de existência e subjetivação do sujeito negro.

“Primeiro, sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
Nega o Deus deles, ofende, separa eles
Se algum sonho ousa correr, cê para ele
E manda eles debater com a bala de vara eles, mano”
(Emicida, 2019)

hooks (2019), explicita que esse processo de negação e distanciamento de sua própria cultura citado por Emicida na música, resultou numa negação da subjetividade dos pretos, e foi através desses comportamentos, que o pensamento de inferioridade de sua cultura foi perpetuado, pois não há espaço para a sua manifestação, onde é utilizado de meios violentos, sem espaço para o diálogo, como citado na letra com o “manda eles debater com a bala de vara eles”.

Nesse sentido, observa-se que os sujeitos brancos estão inseridos em sistemas sociais e imagéticos nos quais sua subjetividade é supervalorizada e estabelecida como padrão universal. Por outro lado, os sujeitos negros são sistematicamente inferiorizados por esses mesmos dispositivos de representação. Construindo assim a ideia de superioridade de uma em detrimento da outra. Resultando assim num apagamento das raízes da cultura negra e formas de

manifestação dela, onde ameaças são constantes a quem optar por não seguir o caminho traçado e definido como correto.

O processo retratado neste trecho foi descrito por Butler (2009/2015) como enquadramentos. Nesse conceito, o ato de negação e distanciamento da própria cultura negra influencia diretamente a forma como o social percebe essa cultura, resultando no fato de que certas narrativas são colocadas em evidência em detrimento de outras, para que determinada visão dos fatos seja tomada como verdadeira.

Dessa forma, ao passo que a subjetividade e a cultura negra são marginalizadas e inferiorizadas pela estrutura social, seus integrantes são compulsoriamente alocados em uma posição de subalternidade. Esse processo de desumanização sistemática resulta na erosão da sensibilidade pública diante das violências sofridas por essa população. A ausência de comoção social não é uma falha da vítima, mas o resultado de um enquadramento que retira desses corpos a condição de vidas passíveis de luto.

“Um primeiro salário
Duas fardas policiais
Três no banco traseiro
Da cor dos quatro Racionais
Cinco vida interrompida
Moleques de ouro e bronze
Tiros e tiros e tiros
Os menino levou 111
Quem disparou usava farda
Quem te acusou nem lá num tava
É a desunião dos preto, junto à visão sagaz
De quem tem tudo, menos cor, onde a cor importa demais”
Emicida (2019)

O trecho em questão se refere a chacina de Costa Barros, onde 5 jovens foram assassinados com 111 tiros disparados por policiais, quando eles estavam indo comemorar o primeiro salário um dos amigos (Martín, 2016) Diante desse cenário, esse trecho funciona como a síntese que comprova a tese principal do trabalho.

O primeiro salário é mais do que um simples dinheiro conseguido através do seu esforço. Ele representa uma vitória social, tendo a possibilidade de autonomia e o primeiro passo para uma imagem de sucesso. No entanto, tal evento se encontra em um terreno ambivalente, no qual se evoca a perspectiva de Fanon (2008), em que a realidade transita entre a esperança e a frustração, da alegria do salário a violência da morte. Tal fato também se relaciona com o “eu performático” de Sibilia (2016), no qual o sucesso individual é mobilizado como uma tentativa de superação da dor do racismo.

Entretanto, se percebe que até mesmo a narrativa de ascensão social do preto é conturbada, muitas vezes é brutalmente interrompida pela realidade do corpo. E essa violência sistemática e excessiva se torna possível porque, como aponta Butler (2009/2015), essas vidas já foram socialmente enquadradas como precárias, valendo menos e sendo, portanto, mais passíveis de violação. A partir dessa condição, a ação policial deixa de ser um simples crime e se torna um ato de necropolítica (Mbembe, 2016), onde é uma demonstração do poder do estado de matar corpos já considerados descartáveis para manter a ordem racial.

Então, a música se inicia com “até pra sonhar tem entrave”, é emblemático, porque é o reflexo de toda essa realidade, onde diante o racismo e a violência envolvida, o preto se vê impossibilitado e limitado de suas perspectivas e possibilidades. Portanto, a violência explicitada por Emicida, não se limita ao corpo. O fuzilamento dos “moleques de ouro e bronze” é a ação que comprova o fracasso da ideia de que conquistas sociais ajudam a diminuir o abismo entre o preto e o branco na sociedade. A ideia de “quem tem tudo menos cor, onde a cor importa demais” é o retrato dessa realidade.

CONCLUSÃO

Diante desses apontamentos, fica evidente como a construção do eu, não acontece de forma individualizada, sendo afetada pelo social. E com isso, é evidente a influência do racismo no processo de construção de subjetividade do preto, onde cotidianamente o social o coloca em uma posição de inferior, e que afeta diretamente tanto no seu imaginário, influenciando sua visão de mundo e a sua percepção dele.

Quanto também o impacto que a violência racial produz, na forma como ele se apresenta e representa para o mundo, através da sua imagem social fragilizada e dicotômica em relação ao real, onde a violência através do seu corpo e sua integridade, sempre o relembra os seus traumas e sua posição em relação ao social.

Portanto, a obra de Emicida se mostra como uma potente ferramenta para se denunciar tanto como o racismo está impregnado dentro da sociedade, afetando toda a sua estrutura, como também uma complexa teoria sobre o que significa ser preto em um mundo que ataca tanto a mente, como a sua imagem e o seu corpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARDOSO, M.R. G.; OLIVEIRA, G.S; GHELLI, K. G. M. **Análise de conteúdo:** uma metodologia de pesquisa qualitativa. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.98-111/2021

EMICIDA. Emicida - **Ismália** (part. Larissa Luz e Fernanda Montenegro). [S. l.], 29 out. 2019. 1 vídeo (4 min 47 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynI>. Acesso em: 12 ago. 2025.

G1 RIO. **Dez militares são presos após ação do Exército que fuzilou carro de família no Rio com 80 tiros.** Rio de Janeiro, 8 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/08/dez-militares-sao-presos-apos-acao-do-exercito-que-fuzilou-carro-de-familia-no-rio-com-80-tiros.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOMES, R. **Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa.** In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-108.

GUIMARAENS, Alphonsus de. **Ismália.** In: MOISÉS, Massaud. **A literatura Brasileira através dos Textos.** 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 331-332.

GUIMARÃES, M. E. A. **A globalização e as novas identidades:** o Exemplo do rap. Globalization and new identities: the rap's example. Perspectivas, São Paulo, v. 31, p.169-186, jan./jun. 2007.

HOOKS, B. **Olhares Negros: raça e representação.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jessé Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MALGAREZI, V. A; FILISBINO, F. **Quis tocar o céu, terminou no chão:** apontamentos raciais a partir da música ismália – Emicida. Educere – Revista da educação da UNIPAR. Umuarama, v.24, n. 2, p. 242-254, 2024.

MARTÍN, María. **Chacina de Costa Barros:** PMs mataram jovens que comemoravam primeiro salário. EL País Brasil, São Paulo, 29 nov. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/28/politica/1480370686_545342.html. Acesso em: 12 ago. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Tradução de Renata Santini. Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.

MORIN, E. **O Cinema ou o homem imaginário**: ensaios de antropologia sociológica. Trad. de Luciano Lobre. São Paulo: É realizações, 2014.

OLIVEIRA, E. A.; SATHLER, C. N.; LOPES, R.C. **RAP como Educação para a Resistência e (Re)existência**. Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, p.388-410, jun. 2020. E-ISSN 1517-1256.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Música e política**: percepções da vida social brasileira no rap. 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

SIBILIA, P. **O show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: contraponto, 2016.

SILVA, N. B; VIEIRA, R. F. **Além da cor da pele**: uma análise psicossocial acerca da formação da identidade negra no Brasil. Revista da graduação em psicologia da PUC Minas. v.3, n.6, jul/dez, 2018